

Como mulher sinto-me desprezada, mas como cidadã no mundo sinto-me simplesmente desesperada. Estamos num mundo hipócrita. Talvez seja demais pedir uma sociedade justa para os meus filhos ou para os meus netos...mas quantas mais gerações terão de vir e de ansiar o mesmo? Estamos numa sociedade que aceita o dia 8 de março como dia internacional da mulher, mas despreza os outros 365 dias do ano como essenciais na nossa construção cívica e social na procura pela igualdade. Estamos numa sociedade que simultaneamente alerta na internet o quão as mulheres estão desprotegidas...no entanto, assobia para o lado quando alguma mulher está a ser assediada perto de si. Falamos tanto na evolução que viemos a sofrer ao longo dos séculos de existência do ser humano, mas males piores se engrandecem. Desde os primórdios que o sexo feminino é visto como algo inferior: a Idade Média e a Antiguidade Clássica apresentam-nos como um “nada” – não somos pessoas, não somos humanos, não somos pensantes. Somos *objetificadas* ao extremo, usadas como um meio para um fim... engravidamos, criamos o filho e passamos o legado à seguinte geração feminina, pela qual nunca passará na mão qualquer tipo de vida digna. Evito usar o passado pois inocentes são aqueles que olham para este cenário e pensam nele como temporalmente distante! O clima que a Europa viveu há uns anos continua a assombrá-la, tanto a ela como aos nossos demais irmãos no mundo. Porque, na realidade, o problema não está nos salários diminutos das mulheres. O problema definitivamente não está no assédio. O problema não chega nem a estar na violência exercida dia após dia na casa ao lado da nossa, atrás daqueles gritos que nós por vezes ignoramos, não por medo, não por receio, e sim por simples desinteresse. O problema está em quem pratica e quem aceita, está em quem fecha os olhos ou em quem os abre... enquanto fecha a boca. O problema não está num “tu”, nem nunca poderia estar, porque é bem maior que isso – é um problema universal.

Comecemos por definir a palavra “feminismo”. Talvez seja a definição mais difícil em qualquer língua. Feminismo, por definição, é a busca por direitos iguais para ambos os sexos. Só. Pode parecer chocante, se verificarmos toda a publicidade negativa que uma palavra com apenas quatro sílabas acarreta, mas na realidade não passa disto. Talvez porque feminismo é confundido com femismo, e isto é uma das razões pelas quais nós vimos a remar num barco que não sai do mesmo sítio. Naquele “ni” vai toda a ideia de igualdade. Sem uma pequena palavra com um tão grande significado, o sufrágio por partes das mulheres nunca teria acontecido. No entanto, a nossa sociedade tão evoluída continua a preocupar-se com uma palavra em vez de focar-se no fim que ela propõe – parece ridículo, mas é verdade. Continuamos de mãos atadas, olhos vendados, amordaçados, só porque não deixamos a nossa voz ser ouvida: talvez queiramos igualdade, mas como é que saberão se não nos conseguem escutar? Ninguém nega as diferenças a olho nu entre os dois sexos: elas existem e estão lá para quem as quiser ver. Mas diferenças biológicas não deveriam implicar diferenças sociais ou a nível de trabalho. Foi por isto mesmo que um grupo de mulheres, sediadas em Washington DC e seguidas por simpatizantes da causa noutros pontos do globo, se juntou a 21 de Janeiro de 2017 para promover, entre outras coisas, os Direitos das Mulheres, naquela que ficou conhecida como “Women’s March” – o dia em que alguém as fez sentir ameaçadas, e elas decidiram provar que juntas somos mais e temos realmente algo a dizer. E desde aí, tem-se vindo a repetir esta ideia de marcha por direitos que em pleno século XXI já deviam estar mais que adquiridos.

Se tivermos esta pequena definição em mente, não será difícil encontrar desigualdades em todos os sectores do nosso dia-a-dia. Estudos indicam que, embora o sexo masculino gaste ligeiramente mais tempo no trabalho remunerado, as mulheres gastam o dobro do tempo no trabalho não remunerado. Ou seja, ainda hoje as mulheres são vistas como donas de casa. Se as tarefas em casa não são corretamente distribuídas entre ambos os sexos, como é que conseguem apontar o dedo às mulheres e

acusá-las de não se dedicar ao trabalho? É mais que claro que a natalidade vem a decrescer à medida que a esperança média de vida aumenta (isto é uma realidade comum aos países europeus), e continuamos a acreditar que é um problema único destes tempos de crise, mas não estaremos a ignorar o facto de as mulheres abdicarem da vida pessoal para poderem ser respeitadas enquanto trabalhadoras? Quanto mais nos cortam as asas, mais revolta sentimos: desde crianças que somos assim. Então mulheres que se sentem presas tenderão a fazer tudo para passarem essa barreira. Enquanto isto, os homens servirão apenas para o sustento? Será por isso que a maioria das famílias monoparentais são femininas? Podia colocar aqui números, mas sinceramente as masculinas não passam de números residuais, quase insignificantes. Será que a nossa sociedade não tem pais aptos? Ou não tem juízes atentos?

Vemos em qualquer televisão as mulheres a destacarem-se no brilhante papel de “atrás de um grande homem, está uma grande mulher.” Nunca ao contrário. Vemos mulheres e mulheres a olhar para o protagonista e a perguntar “E agora, o que fazemos?”. Isso talvez seja uma ótima pergunta para colocarmos dentro de nós e com muita intensidade refletirmos. É preciso trazer o feminismo para a nossa realidade, é preciso divulgá-lo, é preciso utilizá-lo como arma e não como escudo. O que fazemos agora, que tudo está à luz do dia? O que fazemos agora que quem pisa o tapete vermelho já consegue denunciar os abusos que sofreu por se colocar onde se colocou? O que fazemos agora, quando vemos homens que sempre admirámos e que sempre seguimos a assumirem terem abusado, assediado, rebaixado pessoas só pelo prazer de o fazer? O que fazemos agora? As suas roupas viraram negras porque o nosso coração está de luto por todos os que sofreram – e todos os que virão a sofrer.

96 em cada 100 cidadãos europeus consideram a violência doméstica inaceitável – isto prova que estamos num bom caminho. As mudanças necessárias na prática estão instituídas, o “EU Gender Action Plan” ativo. Mas o foco das nossas atenções terá que divergir: dividir para reinar. Agir nas escolas, agir nos trabalhos, agir nas mentalidades. Agir sobre os

estereótipos de forma a quebrá-los. É preciso dar valor às celebridades e entender que nos passarão as mensagens de uma forma muito mais chamativa. É preciso dar valor às polémicas, são grandes abre-olhos. É preciso valorizar a nossa geração, somos os futuros pais; e a próxima, são o futuro.

“Eu acredito se queres ver uma mudança no mundo, tu tens que ser responsável por isso!”, palavras de Reese Witherspoon, ativa defensora feminista. “Somos mais que os nossos vestidos.”

Acho que os estereótipos que viemos a assumir e a aceitar mostram que, enquanto sociedade, estamos errados - aquele que devia ser um clima de união, tornou-se um clima de insegurança. Mulheres morrem por ser mulheres, pessoas morrem por pertencerem à comunidade LGBT. Quanto mais sofreremos até ao Estado agir? Apesar de se salvaguardar a igualdade de género na constituição como um dever do Estado, devia também a punição dos que não a cumprem estar legislada. O Estado somos nós. Esta na hora de agir! De tornar um mundo melhor para os nossos filhos. De quebrar o silêncio! Se estivermos permanentemente à espera que outro aja, alguma vez mudaremos o nosso rumo?

*Filipa Borrêgo
Amália Pires da Silva*